



A LINGUAGEM É MIGRANTE

Cecilia Vicuña

Linguagem migração
crise de refugiados palavra

Neste texto a autora entende a linguagem como uma forma autêntica de identidade e, assim, analisa seus movimentos e relações. Ao explorar as razões de ser de termos e expressões, alude a questões que a sociedade atual enfrenta e mesmo a conflitos estruturais relativos à condição humana. Buscando compreender as palavras, ela reata nossos laços com a linguagem – sua potência, sua beleza e sua natureza.

A linguagem é migrante. Palavras se movem de idioma para idioma, de cultura para cultura, de boca para boca. Nossos corpos são migrantes; células e bactérias são também migrantes. Até mesmo galáxias migram.

O que é, então, essa conversa contra migrantes? Só pode ser uma fala contra nós mesmos, contra a vida em si.

Há 20 anos, pesquisei a palavra “migrante”, vendo nela uma mistura perigosa de raízes latinas e germânicas. Imaginei que “migrante” fosse provavelmente composta por *mei*, termo em latim para “mudar ou (se) mover” e *gra*, “coração”, do germânico *kerd*. Assim, “migrante” tornou-se “coração mudado”,

um coração em sofrimento,
transformando o coração da terra.

LANGUAGE IS MIGRANT | In this text, the author understands language as an authentic form of identity and analyses its movements and relations. By exploring the purpose of terms and expressions, she hints at issues faced by today's society as well as at structural conflicts regarding the human condition. Aiming to understand the words, she re-establishes our ties to language – its power, beauty and nature. | Language, migration, refugees crisis, word.

A palavra “imigrante” diz “conceda-me vida”.

“Conceder” significa “possibilitar ter”, e está relacionado a uma antiga raiz protoindo-europeia: *dhe*, a mãe de “escritura” e “lei”. Assim também, *sacerdos*, executor de ritos sagrados.

Qual é o rito praticado por milhões de pessoas refugiadas e procurando abrigo seguro ao redor do mundo? Nos deixando ver nossa própria indiferença, nossa cumplicidade nas guerras em curso?

Cecilia Vicuña, Quipu Womb (The Story of the red thread, Athens) (2017). Performance na Documenta 14. Cortesia de Cecilia Vicuña e England & Co. Gallery. Foto de Rafael Yaluff

Sua dor é suficientemente poderosa para nos permitir mudar nossos corações? Para vermos nosso papel nisso?

I *“wounder”*, disse Margarita, minha amiga imigrante, mesclando as palavras *wondering* e *wounding* – do inglês perguntando e ferindo, respectivamente – uma perfeita representação de nossa verdadeira condição.

Vicente Huidobro disse: “Abra sua boca para receber o acolhimento da palavra ferida”.

A chaga é um olho. Podemos olhar em seus olhos?

minha especialidade não é sentir,
apenas olhar, então eu digo:
(a palavra é um olhar severo.)

Rosario Castellanos

eu não vejo com meus olhos:
palavras são meus olhos.

Octavio Paz

Em 1980, eu estava no exílio em Bogotá, onde trabalhava no meu projeto “Palabramas”, uma maneira de examinar palavras para ver o que *elas* têm a dizer. O início de minha vida como poeta foi guiado por uma linha de Novalis: “Poesia é a religião original da humanidade.” Vivendo na violenta cidade de Bogotá, eu queria ver se alguém compartilhava dessa visão, então eu saí com uma câmera e um time de voluntários para entrevistar pessoas na rua. E perguntei a todos que encontrei “O que é poesia para você?” e obtive excelentes respostas de mendigos, prostitutas, tal como de policiais. Mas o melhor foi *“Que prosiga”*, *“That it may go on”* – como posso traduzir o subjuntivo, o mais belo tempo verbal (o tempo dentro do verbo) da língua espanhola? “Subjuntivo” significa “junto a”, mas sob o poder do desconhecido. É um potencial futuro sujeito a condições imprevistas, e que

combina exatamente a definição quântica de propriedades emergentes.

Se buscar no Google o subjuntivo, o encontrará descrito como um “estado de espírito”, como se uma forma verbal pudesse sentir: “O modo subjuntivo é a forma verbal utilizada para expressar um desejo, uma sugestão, um comando ou uma condição contrária ao fato”. Ou “o ‘presente’ subjuntivo é a forma vazia de um verbo (isto é, um verbo sem fim)”.

Eu amei isso! Uma imagem sem fim de um verbo desnudo! O homem que passou como uma sombra no meu filme dizendo *“Que prosiga”* esteve na câmera por apenas um segundo, ainda assim ele expressou em duas palavras a completa precisão da cultura oral indígena.

As pessoas que assistem ao filme hoje mal podem acreditar que ele não seja roteirizado, porque em 36 anos nós parecemos ter esquecido a arte da conversação complexa. No filme, as pessoas na rua improvisam respostas no local, dispondo de um conhecimento de linguagem que parece estar em falta hoje. Eu *“wounder”*¹: como isso mudou? E meu coração diz que deve ser medo, o oceano de mentiras no qual vivemos, sob um fluxo contínuo de eufemismos dos poderes violentos que nos dominam. Vivendo sob a ditadura, a primeira coisa que desaparece é a fala descontraída, o prazer e a liberdade de se dizer o que realmente se pensa. Conversas públicas complexas se extinguem e, junto com isso, as diversas espécies cujo desaparecimento causamos enquanto falamos.

A palavra “espécies” vem do latim *specis*, “um olhar”. Talvez estejamos perdendo espécies e linguagens, nossa alegria, porque não queremos ver o que estamos fazendo.

Não vendo a visão em palavras, nós anestesiámos nossos sentidos.

Eu ouço um “som de zumbido baixo e contínuo” dos “veículos aéreos não tripulados”, os drones que emitimos ao mundo portando nossos pensamentos mortais.

Drones são a expressão definitiva de nossa desconexão com palavras, nossa habilidade de falar sem sentir o efeito ou as consequências de nossas palavras.

“Palavras são atos”, disse Paz.

Nossas palavras estão se tornando drones, robôs voadores. Estamos nos tornando dessensibilizados por não as sentirmos como atos? Estou pensando não apenas nas vítimas, mas também nos agressores, os operadores dos drones. Tonje Hessen Schei, diretor do filme *Drone*, fala de como as crianças estão sendo treinadas para matar pelos *videogames*: “A guerra é elaborada para parecer divertida, matar é feito para parecer legal. ... Penso que esse ‘entretenimento militar’ tem um alto custo” não apenas para os jovens soldados que os operam, mas para a sociedade como um todo. Seu *trailer* abre com estas palavras de um ex-assessor de Colin Powell na administração de Bush/Cheney:

NOSSO POTENCIAL FUTURO COLETIVO. ASSISTAM E CHOREM POR NÓS. OU ASSISTAM E DETERMINEM-SE A MUDAR O FUTURO.

Lawrence Wilkerson, coronel reformado do Exército americano

Em *Astro Noise*, a exposição de Laura Poitras no Whitney Museum of American Art, a linguagem de investigação migra entre poesia e arte. Deitamos em uma cama coletiva observando o céu noturno entrecruzado por drones. A busca de correspondência de padrões, os algoritmos

usados para liquidar a humanidade com drones, é convertida para revelar o funcionamento do sistema. E nós estamos sendo inspecionados enquanto observamos o espetáculo! Uma nova forma de poesia visual conectando nossos corpos à luta real pela alma desta Terra emerge, e nós nos mostramos “wounding”²: nos desumanizaremos até o ponto em que a própria Terra sonhe com nosso fim?

A luta está em toda parte, e essa pode ser a única beleza de nossos tempos. Quem fala quíchua no Peru diz: “beleza é o conflito”.

Talvez a escuridão se torne a fonte da luz. (A vida se regenera no escuro.)

Eu vejo o poeta/tradutor como quem adentra o escuro, buscando o “outro” em si mesmo(a), aquilo que não desejamos ver, como se esse ato pudesse revelar o que o mundo mantém escondido.

Eduardo Kohn, em seu livro *How forests think: toward an anthropology beyond the human* comenta a criação de um novo verbo pelos falantes de quíchua do Equador: *riparana* significa “dar-se conta”, “perceber ou estar ciente”. O verbo é uma transfiguração quíchua do espanhol *reparar*, “observar, sentir, consertar”. Como se consciência em si, o simples ato de observar, tivesse o poder de curar.

Eu vejo a criação de tais verbos como verdadeira poesia, como um possível caminho ou maneira de sair da destruição que estamos causando.

Quando sou perguntada sobre o papel do poeta em nossos tempos, eu apenas questiono: Somos um “post de áudio” elaborando um “guia de sobrevivência” impossível, como disse Paul Chan? Ou iremos silenciar perante nossa própria destruição?





Subcomandante Marcos, o guerrilheiro zapatista, transcreve as palavras de El Viejo Antonio, um sábio índio: “Os deuses foram procurar silêncio para se reorientar, mas não o encontraram em parte alguma”. Esse lugar nenhum é nossa localização agora, eis por que precisamos traduzir a linguagem em si mesma para que ELA perceba nossa consciência.

A língua é a tradutora. Poderia traduzir-nos para um lugar onde cessemos a tolerância com injustiça e a destruição da vida?

A vida é linguagem. “Quando falamos, a vida fala”, diz o *Kaushitaki Upanishad*.

A consciência se cria olhando para si mesma.

Ela é transitória e eterna ao mesmo tempo.

Todo migra. Migremos ao “wounderment”³ – o estado de questionamento que fere – de nossas vidas, para a poesia em si

Tradução Ana Renata Meireles

Revisão técnica Paulo Venancio Filho

Fonte Revista South as a State of Mind #8 [documenta 14 #3]. Fall/Winter 2016.

NOTAS

1 Referência ao termo proferido por Margarita, citado na primeira página.

2 Mais uma vez, alude ao termo “wounder”, que une perguntar e ferir.

3 Mais uma referência ao termo citado na primeira página, utilizado por Margarita, mescla entre questioner e ferir.

Cecília Vicuña é artista, poeta e ativista que aborda com sensibilidade temas flagrantes do mundo imerso em modernidade.